

Crescimento acelerado

João Saboia

• A divulgação dos números excepcionais da economia brasileira no primeiro trimestre do ano não chega a surpreender. Aqueles que acompanham o dia a dia da economia já sabiam que recordes seriam quebrados. A razão principal é a comparação com o primeiro semestre de 2009 quando o país estava no "fundo do poço", por conta da crise internacional.

O crescimento de 9%, quando comparado o primeiro trimestre deste ano com igual período do ano passado, irá diminuindo ao longo do ano na medida em que a comparação for feita com os demais trimestres, especialmente com o segundo semestre de 2009, quando a economia encontrava-se em plena recuperação. Portanto, o mais provável é que ao final do ano tenhamos algo pró-

ximo de 6%, o que não deixa de ser um resultado excelente para o Brasil, que não estava mais acostumado com taxas de crescimento econômico desta magnitude.

Uma das melhores notícias vindas junto com os números divulgados pelo IBGE foi o crescimento dos investimentos (medidos pela formação bruta do capital fixo) que atingiu incríveis 26% na comparação com o primeiro trimestre de 2009. Com isso, a taxa de investimento do país atingiu 18% do PIB, número semelhante ao obtido no período pré-crise. Embora seja ainda uma taxa de investimento relativamente baixa para as necessidades do país, é extremamente positiva a confirmação da retomada dos investimentos, necessária para enfrentar eventuais pressões inflacionárias provocadas pelo aumento da demanda e possível redução da ca-

pacidade ociosa da indústria.

A força do mercado interno do país foi confirmada com o crescimento de 9,3% do consumo das famílias na mesma comparação com o primeiro trimestre de 2009. Por sinal, foi graças ao mercado interno que o Brasil pôde se recuperar rapidamente dos efeitos da crise internacional ao longo do ano passado.

O lado negativo, já conhecido anteriormente, é o forte aumento das importações, compensado apenas parcialmente pelo crescimento das exportações — 39,5% e 14,5%, respectivamente, na comparação com o primeiro trimestre de 2009. Com isso, a conta corrente do país tem se tornado cada vez mais deficitária. Seu financiamento, entretanto, não tem apresentado maiores problemas, na medida em que a entrada de capitais tem sido suficiente

para cobrir o déficit, mantendo elevado o nível de reservas internacionais.

As perspectivas para o resto do ano são relativamente favoráveis. A inflação começa a dar sinais de arrefecimento. A economia continuará crescendo, apesar da política do Banco Central de continuidade de aumento da taxa básica de juros. A taxa de desemprego deve continuar em queda. As maiores incertezas estão na esfera internacional, na medida em que há fortes sinais de retomada da crise internacional a partir dos países da zona do euro. Mais uma vez, o mercado interno será nossa principal garantia para o enfrentamento das crises que vêm de fora do país.

JOÃO SABOIA é diretor do
Instituto de Economia da
Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ)